

Paulo Roberto Sales Neto
Ivaldinete de Araújo Delmiro Gémes

VIII ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA

GT 01: IMAGINANDO SOCIOLOGIAS ANTIRRACISTAS: BRANQUITUDE E
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ENSINO BÁSICO

**RACISMO ESCOLAR: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA A PARTIR DE
DIÁLOGOS COM A BRANQUITUDE**

Santana do Acaraú/Ceará

2025



RACISMO ESCOLAR: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA A PARTIR DE DIÁLOGOS COM A BRANQUITUDE

Paulo Roberto Sales Neto¹
Ivaldinete de Araújo Delmiro Gêmes²

INTRODUÇÃO

Trata-se de uma intervenção pedagógica com o uso de uma dinâmica. Os sujeitos da intervenção foram discentes do 2º ano B de uma escola pública estadual, localizada no município de Santana do Acaraú/Ceará. A turma era composta de 36 estudantes do Ensino Médio que compõem o cotidiano da escola já mencionada de um total de 12 turmas com 468 estudantes ao total.

Em 2008, o Governo do Ceará iniciou a implantação do Ensino Médio integrado à educação profissional. No início, foram 25 Escolas Estaduais de Educação Profissional (EEEP), número que em 2023, subiu para 131 escolas e 52 cursos, distribuídos em 103 municípios³. O crescimento das escolas profissionais no estado gerou expectativas de empregabilidade e também disputas entre estudantes, uma vez que era propagada a ideia de que os(as) alunos(as) dessas escolas teriam mais chances de acesso ao mercado de trabalho devido ao estágio, realizado no segundo semestre do 3º ano do Ensino Médio. Muitos(as) desses(as) estudantes eram contratados(as) pelas empresas onde estagiaram.

A Escola Estadual de Educação Profissional Francisco das Chagas Vasconcelos está situada em Santana do Acaraú/CE, uma cidade do interior do Estado do Ceará, distante aproximadamente 234 km da capital Fortaleza e 34 km de Sobral/CE a cidade possui uma população estimada de 30.628 mil habitantes, segundo dados do IBGE, de 2022⁴.

É no contexto de expansão das escolas profissionais que a EEEP Francisco das Chagas Vasconcelos foi instalada, em 2012, no município. A escola está localizada no Bairro João

¹ Graduado em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Mestre pelo Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional - PROFSOCIO, pauloroberto.historia.ce@email.com;

² Professora do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Professora do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO. ivaldinetedelmiro@gmail.com

³ Disponível

em: <https://educacaoprofissional.seduc.ce.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3&Itemid=103>. Acesso em: 24/02/2024.

⁴ Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/santana-do-acarau/panorama>>. Acesso em: 07/01/2025.



Alfredo de Araújo, na periferia da cidade, em um terreno que inicialmente pertencia à prefeitura municipal.

Santana do Acaraú/CE é um município de pequeno porte, com uma população de 30.628 habitantes, segundo dados do IBGE⁵. A economia local é baseada na agricultura de subsistência, pecuária e nos empregos gerados pelo comércio e órgãos públicos. A taxa de escolarização da população de 6 a 14 anos de idade, em 2010, era de 95,4%. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) nos anos iniciais do ensino fundamental (rede pública, 2023) era de 6,3, enquanto nos anos finais do ensino fundamental (rede pública, 2023) era de 5,9. Já no ensino médio, na rede Estadual, era de 4,8.

Durante a pesquisa, pude constatar que, no ano de 2024, trabalharam na escola 26 professores ao total, sendo 19 educadores da base comum e 07 professores do eixo técnica. Além disso, 1 professor no cargo de diretor escolar, 3 professores no cargo de coordenadores pedagógicos, 1 secretária escolar, 1 auxiliar de secretaria, 1 auxiliar do setor financeiro, 4 auxiliares de serviços gerais, 4 servidores da cozinha e 4 vigilantes. Estão matriculados quatrocentos e sessenta e oito (468) estudantes, segundo informações da secretaria escolar.

Em termos de estrutura física, a EEEP conta com 12 salas de aula, banheiros, além de auditório com capacidade para 180 pessoas, biblioteca equipada com elevador para o piso superior, cantina, ginásio poliesportivo (com vestuário e banheiro), anfiteatro e estacionamento." O acesso ao primeiro piso da escola é feito por escada e rampa, possibilitando o acesso de pessoas com mobilidade reduzida ou que utilizam cadeira de rodas. Todos os ambientes pedagógicos da escola são climatizados, com exceção do ginásio.

Os(as) estudantes são admitidos(as) na Escola Profissional por meio de uma seleção que leva em conta as médias escolares do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II. O histórico escolar é entregue à secretaria no momento da pré-matrícula realizada pelos(as) pais/mães/responsáveis, quando é feita a escolha do curso técnico desejado, sendo possível selecionar até duas opções.

Foi a partir da experiência profissional desenvolvida nessa escola há vários anos e o desenvolvimento de outras experiências que buscaram implementar a Lei 10.639/2003 que tive a compreensão da importância da temática em questão e a partir da dinâmica “Corrida da Vida” vislumbrei uma possibilidade didático-pedagógica para pensarmos a realidade social dialogando com os temas, conceitos e teorias sociológicas.

⁵ Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/santana-do-acarau/panorama>>. Acesso em: 07/01/2025.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A dinâmica ‘Corrida da Vida’ foi usada como instrumento para problematização do racismo e assim, os estudantes afetados por essa intervenção, puderam saber que, alguns são detentores de privilégios e outras não, mas, sobretudo que é possível se reconhecer como privilegiado e combater essa condição que coloca pretos/pardos em situação de exclusão e desvantagens.

O presente resumo aborda o tema, “Privilégios da Branquitude”, foi trabalhado em dois momentos (duas aulas): a primeira parte, mais teórica, e a segunda de forma prática, com uma dinâmica que tinha o objetivo de fazer os(as) estudantes perceberem como as opressões de raça, classe e gênero são violentas, gerando vantagens para os brancos, homens e ricos, e desvantagens para as pessoas negras, mulheres e pobres.

Na primeira aula, escrevi na lousa as perguntas iniciais: “Você sabe o que é racismo?”, “O que é branquitude?” “O que é Interseccionalidade?”, com o intuito de provocar reflexão, mesmo sem ainda termos contato direto com o conteúdo, para gerar inquietações. Em seguida, assistimos aos vídeos “5 Fatos sobre o Racismo no Brasil” e “O que é Interseccionalidade?”, seguidos de debates, questionamentos, dúvidas e novos aprendizados.

Devido ao tempo, o texto da pesquisadora Aparecida Bento, “Os Privilégios da Branquitude”, foi entregue impresso para cada estudante, com o objetivo de enriquecer e ampliar o debate. A leitura foi orientada para ser realizada em casa, uma semana antes do início deste encontro.

Dessa forma, os(as) estudantes já possuíam uma bagagem teórica sobre o tema da aula e estavam minimamente preparados para refletir e pensar nas respostas às perguntas iniciais, que, Gasparin, 2015, chama de “prática social inicial”.

- **DINÂMICA: “CORRIDA DA VIDA: os privilégios da branquitude”**

Essa dinâmica foi inspirada na “dinâmica dos privilégios”, disponível no canal Calma Jovem⁶, e foi utilizada para trabalhar a interseccionalidade com os(as) estudantes.

Solicitei que os estudantes se alinhassem em uma linha, cada um ficou lado a lado com o colega. Expliquei que não poderia olhar para trás durante a dinâmica e que somente no final esse exercício de olhar seria realizado. Orientei que deveria fazer a movimentação de forma

⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1gHjBTM3ekk>>. Acesso em 09 de abril de 2024.

honesto, após ouvir o comando do professor em: “dê um passo à frente” ou “fique no mesmo lugar” ou “dê um passo para trás”.

Após todos os comandos, fiz uma reflexão sobre o lugar onde cada um ficou nessa “Corrida da Vida”. Pedi que, sem sair do lugar, observassem a posição dos seus(suas) colegas e refletissem sobre as injustiças sociais, o racismo, o preconceito de gênero e de classe social que poderia ter contribuído para levar cada um deles a lugares diferentes ao final das 17 perguntas da dinâmica. A atividade então estimulou a reflexão sobre as injustiças sociais e de como cada um(a) pode contribuir para um mundo melhor e o esforço necessário para concretizar seus próprios sonhos, apesar dos obstáculos externos.

Estimulei o diálogo e ouvi atentamente o que os(as) participantes falaram. Nenhuma das perguntas da dinâmica está relacionada com a competência ou merecimento ou ainda às escolhas feitas durante a vida. São perguntas que provocam reflexão do lugar social, dos papéis de gênero e cor/raça que cada estudante ocupa na escola e na sociedade em que vive.

Para Edith Piza, no artigo “Adolescência e racismo: uma breve reflexão”: Se é possível para nós educadores(as) “descrever atitudes e comportamentos próprios da branquidade e os compreendemos como construções sociais que levam ao racismo e à discriminação, por que não sabemos quando e como combatê-los?” (PIZA, 2005). Para combater é preciso em primeiro lugar reconhecer que a escola também é um espaço social de reprodução de violências e em segundo lugar, criar estratégias pedagógicas para trabalhar com os educandos no intuito de fazer a “Prática Social Final” nos dizeres de Gasparin, 2015.

Essa dinâmica foi aplicada com o intuito de os(as) estudantes se perceberem em lugares diferentes na sociedade profundamente hierarquizada, e dependendo do lugar que ocupa, pode gerar vantagens e desvantagens em suas oportunidades pessoais ou profissionais. Ainda sobre a pergunta de PIZA, ela própria responde essa importante questão com outra pergunta: “se os privilégios são para os brancos, qual branco abriria mão deles?” (PIZA, 2005).

Nessa dinâmica, abordei o conceito de democracia racial, buscando desconstruir o mito da democracia racial na sociedade brasileira, construído e ainda acreditado por grande parte da população como algo real. Segundo o Parecer 003/2004 do Conselho Nacional de Educação - CNE, esse mito “difunde a crença de que, se os(as) negros(as) não atingem os mesmos patamares que os(as) não negros(as), é por falta de competência ou de interesse.” O que sabemos não se trata de uma verdade, pois, desconsidera “as desigualdades seculares que a estrutura social hierárquica cria com prejuízos para os negros(as).”

Nessa dinâmica, pudemos ver de forma prática como essas desigualdades seculares atingem de forma diferente os(as) estudantes brancos(as) e não brancos(as) da Escola Estadual de Educação Profissional Francisco das Chagas Vasconcelos.

Ao final da dinâmica, duas estudantes brancas reclamaram que os colegas estavam chamando-as de “riquinhas da sala”, pelo motivo das duas terem terminado a dinâmica ocupando os primeiros lugares. Precisei refletir que elas não tinham responsabilidades sobre isso no momento, no entanto, a partir dessa consciência de privilégios e vantagens em relação aos seus colegas de sala, elas poderiam questionar o racismo, o sexismo, o machismo, o capacitismo e outros preconceitos dos quais a sociedade utiliza para discriminar e excluir, criando condições melhores para uns e exclusão para outros.

A partir desse episódio ocorrido logo após a aplicação da dinâmica, concordo que “os descendentes dos mercadores de escravos, dos senhores de ontem, não têm, hoje, de assumir culpa pelas desumanidades provocadas por seus antepassados”, como salientou Fanon, (1979, p. 37) em “Os Condenados da Terra”. No entanto, ainda segundo Fanon (1979, p. 55), os(as) brancos(as) têm a “responsabilidade moral e política de combater o racismo, as discriminações” contribuindo para a construção de relações raciais e sociais sadias, para que todas as pessoas sejam tratadas como seres humanos e cidadãos.

A partir dessa experiência, foi possível compreender melhor o comportamento e o rendimento escolar dos(as) estudantes baseando-se no lugar em que cada um(a) finalizou a dinâmica. As ausências das aulas, a falta de interesse em fazer as atividades escolares ou dormir em sala de aula, por exemplo são reflexos de condições externas a escola, que estão intimamente ligadas a renda familiar, as condições de transporte de casa até a escola, além de ter que conciliar trabalho e estudos.

Nesse sentido a escola, sobretudo a escola pública tem feito um ótimo trabalho, apesar das inúmeras dificuldades, de oportunizar que estudantes oriundos das classes populares tenham acesso ao conhecimento escolar e concorram para ocupar lugares sociais mais justos e dignificantes. De acordo com o Parecer 003/2004,

“A escola tem papel preponderante para eliminação das discriminações e para emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários.” (Parecer CNE 003/2004, p. 16)

Refletir com os(as) estudantes que as desigualdades são produtos de variados fatores, como classe, gênero e raça, possibilitou evidenciar que a branquitude continua sendo um fator preponderante para a concessão de privilégios e melhor acesso aos lugares de poder e status social. Além disso, quanto mais escuro a cor da pele, maiores são as dificuldades e as barreiras de oportunidades impostas em uma sociedade racista.

Dinâmica “Corrida da Vida”

Perguntas para o professor ler em voz alta para a turma inteira ouvir:

1. Dê um passo à frente se você foi criado(a) por pai e mãe até o momento atual.
2. Dê um passo à frente quem nunca sofreu algum tipo de preconceito por conta da cor da pele, do lugar onde mora, da classe social que você pertence, da sexualidade etc.
3. Quem já presenciou uma cena de violência em casa fique parado(a), quem nunca presenciou dê um passo à frente.
4. Dê um passo à frente quem já estudou em escola particular ou teve professor(a) particular em casa.
5. Dê um passo à frente quem nunca precisou trabalhar para ajudar os pais no sustento da casa.
6. Dê um passo à frente quem nunca teve preocupação de ter um lugar onde morar.
7. Dê um passo à frente quem nunca recebeu de auxílio do governo, como bolsa família, bolsa escola, vale gás, pé de meia etc.
8. Dê um passo à frente quem nunca ouviu os pais ou responsáveis reclamar de contas e dívidas.
9. Dê um passo à frente se seus pais ou responsáveis podem pagar uma faculdade particular?
10. Dê um passo à frente se você já recebeu mesada dos pais ou responsáveis durante a infância ou adolescência?
11. Dê um passo à frente se você nunca se preocupou alguma vez na vida se teria a próxima refeição na sua casa?
12. Dê um passo à frente quem já foi ao cinema, museu ou teatro alguma vez na vida.
13. Dê um passo à frente se um dos seus pais ou responsável trabalha e recebe pelo menos 1 salário-mínimo por mês.
14. Dê um passo à frente se pelo menos um dos seus pais (pai, mãe ou responsável) concluiu o ensino superior (faculdade)?
15. Dê um passo à frente quem já ganhou ou comprou um livro alguma vez na vida.

16. Dê um passo à frente se na sua casa tem um ambiente tranquilo e confortável para os seus estudos?

17. Dê um passo para trás quem já ouviu piadas ou “brincadeiras” por conta da sua cor de pele ou cabelo.



Fonte: o autor, 2024. Gramado dentro do espaço escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

O saber produzido em sala de aula precisa promover ao estudante um retorno à prática social final de modo que este movimento lhe possibilite um olhar afetado pelo saber teórico, fruto do processo de mediação docente. A práxis, portanto, é o processo de transformação da realidade, através da ação reflexiva e crítica." (Gasparim, 2015)

Esta atitude pedagógica se realiza essencialmente no encontro do professor com os estudantes. Ela nasce da predisposição do(a) professora(a) em ter contato com questões que, muitas vezes, lhes serão caras por esbarrar em pontos ético-morais. Ou ainda, do esforço de desnaturalizar debates que podem se apresentar como corriqueiros. O docente tem ainda que observar se há postura mental favorável ou não dos alunos em relação à temática sugerida (GASPARIN; 2015).

A sala de aula torna-se um micro universo social, onde a diversidade se encontra e convive. É nesse espaço escolar, mediado pelo professor que os estudantes podem aprender e ressignificar seus conhecimentos e atitudes. Segundo Twine (2007), citada por Schucman (2012) o letramento racial e as relações de afeto não hierarquizadas dos brancos com pessoas não brancas são condições para que os sujeitos se tornem não racistas. A hierarquização baseada no fenótipo, na condição econômica e social agrava as desigualdades e aprofunda o sistema de exclusão.

Outra constatação que as autoras chegaram é que os brancos precisam se reconhecerem racializados, e não como sujeitos universais dentro de uma normalidade que não existe e, portanto, naturalmente predispostos a condições superiores, como inteligência, moral e riqueza em relação aos demais. Os brancos que desejam ser antirracistas precisam reconhecer que são detentores de privilégios materiais e simbólicos por conta apenas de sua condição fenotípica e se dar conta que podem ser protagonistas de contestação dessas práticas.

Essa dinâmica possibilitou aos(às) estudantes vivenciarem, por meio de situações concretas das suas vidas, como o preconceito de raça, classe e gênero opera em uma sociedade marcada por opressões que se cruzam. Dessa forma, busquei refletir com eles(as) sobre como podem transgredir essas opressões e, de alguma forma, contribuir para a construção de uma sociedade mais justa para todos. Para SCHUCMAN (2012, p. 13) “uma das contribuições que um branco pode fazer pela e para a luta antirracista é denunciar os privilégios simbólicos e materiais que estão postos nessa identidade.”

Seguindo o exemplo de Schucman (2012), arrisco-me a dizer que os homens também precisam reconhecer seus privilégios em uma sociedade machista e lutar ao lado das mulheres pela igualdade de gênero. Dessa forma, pessoas detentoras de riqueza material devem se unir à luta pelos direitos trabalhistas, equidade salarial e tantas outras pautas que afetam a classe trabalhadora.

A realização de uma intervenção pedagógica teve como objetivo propor aos(às) estudantes uma participação efetiva, de modo que pudessem conhecer mais sobre a temática étnico-racial, por meio de pesquisas, leituras e vídeos. Isso não implica necessariamente uma mudança nos conteúdos abordados, mas sim na forma como esses conteúdos são transmitidos aos alunos e às alunas. A instrumentalidade do ensino não se sustenta mais no modelo “tradicional”, no qual os(as) professores(as) repassavam conteúdos didáticos, enquanto os(as) alunos(as) recebiam esse conhecimento de forma passiva, sem questionar ou participar efetivamente do processo de aprendizagem.

Freire (1996) discorre de forma clara sobre essa perspectiva, destacando o papel que o(a) professor(a) deve desempenhar no ambiente de sala de aula.

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não transferir conhecimento. (FREIRE, 1996, p. 47)

Neste sentido, a proposta de ensino a ser implantada, para que realmente o(a) professor(a) possa construir o conhecimento juntamente com os(as) alunos(as), deve ser baseada na busca por novas metodologias que visem inserir os(as) alunos(as) no processo de ensino e aprendizagem.

Diante de nossa sociedade técnico-informacional, é complicado e improdutivo restringir-se apenas à relação professor-livro didático. Embora esse recurso seja importante por ser a base dos conteúdos, ele é insuficiente em termos de reflexões críticas e aprofundadas.

Os(as) alunos(as) estão “antenados(as)” e já chegam à escola com um alto nível de informação, propiciados(as) pelos meios de comunicação e informação. Dessa forma, vislumbrar novos métodos que auxiliem na aprendizagem é uma obrigação do(a) professor(a), para evitar que as aulas se tornem monótonas e ineficientes.

Diante do exposto, há inúmeras metodologias que podem enriquecer os conteúdos abordados em sala de aula, tais como música, poesia, vídeos, gincanas com elementos lúdicos, maquetes, entre outras. Essas metodologias podem suprir os anseios dos(as) alunos(as) e dialogar com a sociedade da informação instantânea.

Com a Lei 10.639/03, que tornou obrigatória a temática "História e Cultura Afro-Brasileira" como conteúdo transversal das aulas de Artes, História e Literatura e demais áreas do conhecimento o currículo deveria ser modificado para incluir os conhecimentos produzidos ao longo do tempo que contemplem os povos, sociedades e culturas deixadas de lado nos conhecimentos escolares.

Estaria nas mãos dos professores de História e de Literatura que poderiam, paralelamente aos conteúdos programáticos de suas disciplinas, mostrar como a identidade e a cultura afro-brasileira foram se conformando ao longo de diferentes períodos históricos e/ou literários (PROENÇA FILHO, 2004) e incorporando elementos da cultura europeia e indígena, assim como foram introduzindo elementos provindos de sua matriz étnico-cultural africana. Em todos os casos citados, a utilização de conceitos como “etnia”, “diversidade cultural”, “estranhamento”, “familiarização” podem permear o debate dos conteúdos tratados em aula, de modo a configurar uma “caixa de ferramentas” conceitual permanente. (MEIRELLES; SCHWEIG, 2012 p. 92).

Sabemos que, nas discussões acerca de determinadas temáticas, não há total liberdade para que elas aconteçam dentro das escolas, espaço que seria ideal para tais abordagens e reflexões. No entanto, para alguns temas, como política, gênero e sexualidade e outros, ainda

há uma certa resistência por parte de alguns pais e gestores escolares. O fato é que, mesmo com a existência da Lei 10.639/03, nem todas as escolas abrem espaço para os(as) professores(as) discutirem a temática do racismo. Muitas delas abordam esse tema apenas quando se aproxima o dia 20 de novembro, em referência ao Dia da Consciência Negra, destinando, assim, um único dia para tratar de um assunto tão complexo e desafiador.

Se, no aspecto da aplicação da Lei 10.639/03 vemos um conjunto de tensões e desafios de ordem epistemológica, identitária e política, quando nos debruçamos na análise do ensino de sociologia e das práticas docentes parece que esses mesmos desafios e tensões se desdobram e se multiplicam a luta política para a consolidação epistemológica da disciplina nos currículos escolares e a constituição de um campo de pensamento teórico-prático na perspectiva de construção de um conhecimento escolar em ciências sociais. (OLIVEIRA, 2014, p. 88).

Trazer essas discussões para as aulas de Sociologia é proporcionar aos(as) estudantes o conhecimento sobre a cultura afro-brasileira, contribuindo também para a luta contra o racismo. Essa abordagem necessária diariamente, e é extremamente importante que os(as) estudantes sejam envolvidos(as) em ações que promovam a luta contra o racismo e se sintam estimulados a participar dessa luta.

A possibilidade de desenvolver uma pesquisa interventiva com e a partir das experiências aprendidas junto à comunidade escolar, aponta um caminho na construção de fazer/saber complexos e necessários, no que tange as questões centrais em torno do debate do racismo em nossa sociedade. Neste sentido, espero que este trabalho sirva de caminho como fonte de consulta aos(as) docentes de sociologia e ao público em geral que se interessa por esse assunto.

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre o racismo, com foco nos privilégios da branquitude no ambiente escolar, ainda são escassos e demandam mais investigação para se discutir os impactos que o racismo gera no aprendizado dos(as) estudantes que são vítimas de racismo institucional, recreativo, velado e tantas outras formas de violência praticadas e sentidas em um espaço que deveria ser de acolhimento de toda diversidade de saber, ser e viver.

A partir da atividade propostas, foi possível observar o interesse dos(as) estudantes pela temática étnico-racial. O racismo foi sendo percebido pelos(as) estudantes envolvidos

diretamente nas atividades e depois se tornou uma ação reprodutora de reflexão dentro da escola, com a turma que participou. Foi possível constatar que os educandos possam fazer o exercício da dupla consciência, de olhar para o mundo e para si mesmo com os olhos do outro, fazendo a transformação interior e agindo diferente (Du Bois; 2003) citado por (Schucman; 2012).

Mesmo com um aparato de leis que combatem o racismo e que obriga as escolas a inserir conteúdos sobre a cultura afro-brasileira e africana no currículo, ainda não é suficiente. As leis sozinhas não modificam uma sociedade, é preciso a sua implementação cuidadosa, paciente e persistente, pois mudar concepções de uma sociedade que culturalmente e historicamente reproduziu o racismo como algo naturalizado não é tarefa fácil.

Foi um grande desafio também tratar sobre esse assunto com os(as) colegas professores(as) em momentos informais, em conversas na sala dos professores(as), corredores da escola e em eventos realizados em datas como o dia da Consciência Negra. Ainda são necessários a nós educadores(as) sensibilidade, engajamento e leituras sobre a questão étnico-racial para que possamos ser autores de propostas de reflexão e transformação na escola e fora dela.

Dentro da área das Ciências Humanas Sociais Aplicadas, que envolve História, Geografia, Sociologia e Filosofia o debate ocorria de forma semanal em horários de estudos coletivo, e a resistência era um pouco menor em tratar a temática. Porém, quando o assunto era tratado com professores(as) de outras áreas do conhecimento ou com o eixo técnico, houve muitas resistências e embates.

No decorrer das intervenções pedagógica, os(as) estudantes demonstraram muito interesse em conhecer, aprender e refletir sobre os diversos tipos de preconceitos que envolvem as questões étnico-raciais. A cada encontro era uma alegria poder aplicar as práticas com a turma selecionada para participar da pesquisa. Ao final, pude concluir de forma muito esperançosa que estamos diante de uma juventude aberta ao novo, com vontade de viver as diversas pluralidades da existência humana sem limitações, onde conviver com as diferenças seja algo natural.

Em virtude de alguns fatores, como tempo e o foco da investigação, não foi possível envolver outros(as) interlocutores(as) que são importantes para se analisar e entender o problema do racismo no ambiente escolar, como os(as) docentes, os(as) gestores(as) e os familiares dos(as) estudantes.

Terminei a intervenção me sentindo muito feliz em contribuir para o crescimento intelectual de cada estudante envolvido(a), senti felicidade em saber que eu também aprendi

muito nas leituras teóricas e nas práticas com a turma, com cada indagação, cada resposta, com as surpresas que de vez em quando um rosto, um sorriso demonstravam. Foi um trabalho incrível e espero sinceramente que eles(as) possam levar o aprendizado adquirido por todos os espaços que passarem.

Diante dessa constatação, abrem-se caminhos para novas investigações que deem conta de envolver as subjetividades desses sujeitos para o cruzamento de informações e experiências.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, 2005.

DU BOIS, W. E. B. (2003). **The Souls of Black Folk**. Nova York: Barnes & Noble.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. 2.ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 5ª ed. revista. Campinas, SP: Autores Associados, 2015.

SCHUCMAN, LIA VAINER. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana / Lia Vainer Schucman; orientadora Leny Sato. -- São Paulo, 2012. Tese (doutorado em psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo).

TWINE, F. W. & GALLAGHER, C. (2007). **The future of whiteness**: A map of the 'third wave. *Ethnic and Racial Studies*.

ZENI, Bruno. **O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva**. *Estud. av.* vol.18 no.50 São Paulo jan./Apr. 2004. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100020 > acessado em 06/08/2016.